

# EVANGELHO

## DOMINGO XXVII DO TEMPO COMUM

EVANGELHO Mt 21, 33-43

*Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus*

Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: «Ouvi outra parábola: Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar e levantou uma torre; depois, arrendou-a a uns vinhateiros e partiu para longe. Quando chegou a época das colheitas, mandou os seus servos aos vinhateiros para receber os frutos. Os vinhateiros, porém, lançando mão dos servos, espancaram um, mataram outro, e a outro apedrejaram-no. Tornou ele a mandar outros servos, em maior número que os primeiros. E eles trataram-nos do mesmo modo. Por fim, mandou-lhes o seu próprio filho, dizendo: 'Respeitarão o meu filho'. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: 'Este é o herdeiro; matemo-lo e ficaremos com a sua herança'. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no. Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?». Eles responderam: «Mandarà matar sem piedade esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos a seu tempo». Disse-lhes Jesus: «Nunca lestes na Escritura: 'A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos'? Por isso vos digo: Ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos».

*Palavra da Salvação.*

# MEDITAÇÃO

## A FIDELIDADE AO SENHOR DA VINHA

No Antigo Testamento, Deus elegeu um povo para ser um ponto de referência para chegar a outros povos e fez uma aliança com ele. Deu-lhe todas as ferramentas e condições (a lei e os profetas) para uma frutuosa e serena aliança. O povo escolhido, já na Antiga Aliança, teve a missão de anunciar e de levar a salvação a todas as nações. Mas Israel não foi fiel à sua missão.

O Evangelho deste domingo apresenta-nos a parábola dos vinhateiros homicidas e utiliza a imagem da vinha para descrever o plano divino de salvação. É, portanto, apresentada como uma alegoria comovente da aliança de Deus com o



Seu povo. Também ilustra a obra de Deus e a resposta do homem: Deus que nos mostra o Seu amor e como o homem acolhe este mesmo amor. A parábola contada por Jesus destaca mais a ação dos servos do que a própria vinha. Jesus compara

o povo de Deus (eleito) a uma vinha, cujo vinhateiro é o Senhor. Este proprietário, com muito amor, construiu a Sua vinha, que mais tarde a arrendou a alguns vinhateiros e fez uma viagem. No tempo da colheita, os vinhateiros recusaram dar a sua merecida parte (fruto) da vinha. Trataram mal os enviados e até mataram o filho do proprietário.

Com esta parábola Jesus fez um resumo cativante da história do povo de Israel, a amada vinha do Senhor, cujo líderes eram os sacerdotes e anciãos do povo. Estes vinhateiros não ajudaram o povo (vinha) a produzir os frutos que o proprietário (Deus) espera da Sua vinha.

A eleição de Israel passará para um novo Povo, a Igreja. Jesus, a pedra rejeitada, será a pedra angular de uma nova construção - o Novo Povo de Deus, a Igreja do Novo Testamento, nascida do Seu sangue. Este novo Israel é a Igreja, todos os batizados. Nós temos recebido, na pessoa de Jesus e na Sua mensagem, uma graça única que temos que fazer frutificar. Somos nós os cristãos de hoje os vinhateiros do Senhor, que devemos cuidar bem da vinha para poder dar fruto. No Evangelho, Jesus fala-nos abertamente de que o Reino nos será tirado e entregue a outros, se não nos convertermos das nossas ambições, orgulhos e vaidades. Se não abandonarmos a vida do pecado e não aprendermos a praticar a justiça e o bem. Somos chamados a nos mantermos fiéis ao dono da vinha.

Deus ajuda-nos a enterrar a nossa inveja e a crescermos a apreciar o nosso próximo na alegria e no amor.

### Pistas de Reflexão

- Como cuida da vinha que Deus me confiou (a minha família biológica e espiritual)?
- Ler a sua história de vida à luz da parábola desta parábola.

Votos de uma frutuosa semana para todos.

**Pe. Andrew Prince**

# TEMÁTICA

## PAPA FRANCISCO

Nas últimas semanas, refletimos juntos, à luz do Evangelho, sobre como curar o mundo que sofre de um mal-estar que a pandemia realçou e acentuou. Já havia o mal-estar: a pandemia realçou-o mais, acentuou-o. Percorremos os caminhos da dignidade, da solidariedade e da subsidiariedade, caminhos indispensáveis para promover a dignidade humana e o bem comum. E, como discípulos de Jesus, começamos a seguir os seus passos, optando pelos pobres, reconsiderando o uso



dos bens e cuidando da casa comum. No meio da pandemia que nos aflige, ancorámo-nos nos princípios da doutrina social da Igreja, deixando-nos guiar pela fé, pela esperança e pela caridade. Aqui encontramos uma ajuda sólida para sermos agentes de transformação que fazem sonhos

grandiosos, que não se detêm nas mesquinhas que dividem e magoam, mas encorajam a gerar um mundo novo e melhor.

Gostaria que este percurso não termine com estas minhas catequese, mas que possamos continuar a caminhar juntos, «mantendo os olhos fixos em Jesus» (Hb 12, 2), como ouvimos no início; o nosso olhar em Jesus que salva e cura o mundo. Como o Evangelho nos mostra, Jesus curou os doentes de todos os tipos (cf. Mt 9, 35), restituiu a vista aos cegos, a palavra aos mudos e audição aos surdos. E quando curava doenças e enfermidades físicas, também curava o espírito perdoando pecados, porque Jesus perdoador sempre, bem como as «dores sociais» incluindo os marginalizados (cf. Catecismo da Igreja Católica, 1421). Jesus, que renova e reconcilia cada criatura (cf. 2 Cor 5, 17; Cl 1, 19-20), concede-nos os dons necessários para amar e curar como ele sabia fazer (cf. Lc 10, 1-9; Jo 15, 9-17), para cuidar de todos sem distinção de raça, língua ou nação.

Para que isto aconteça realmente, precisamos de contemplar e apreciar a beleza de cada ser humano e de cada criatura. Fomos concebidos no coração de Deus (cf. Ef 1, 3-5). «Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário»[1]. Além disso, cada criatura tem algo a dizer-nos sobre Deus Criador (cf. Enc. Laudato si', 69.239). Reconhecer esta verdade e dar graças pelos vínculos íntimos da nossa comunhão universal com todas as pessoas e todas as criaturas ativa «um cuidado generoso e cheio de ternura» (ibid., 220). Ajuda-nos também a reconhecer Cristo presente nos nossos irmãos e irmãs pobres e sofredores, a encontrá-los e a ouvir o seu clamor e o clamor da terra que lhes faz eco (cf. ibid., 49).

Mobilizados interiormente por estes clamores que reclamam de nós outra linha de ação (cf. ibid., 53), reclamam uma mudança, poderemos contribuir para a cura das relações com os nossos dons e capacidades (cf. ibid., 19). Poderemos regenerar a sociedade e não voltar à chamada «normalidade», que é uma normalidade doente, aliás, estava doente já antes da pandemia: a pandemia realçou-a! «Agora voltemos à normalidade»: não, assim não pode ser, porque esta normalidade estava doente de injustiças, desigualdades e degradação ambiental. A normalidade a que somos chamados é a do Reino de Deus, onde «os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres» (Mt 11, 5). E ninguém faz de contas olhando para o outro lado. É isto que temos de fazer para mudar. Na normalidade do Reino de Deus o pão chega a todos e sobra, a organização social baseia-se em contribuir, partilhar e distribuir, não em possuir, excluir e acumular (cf. Mt 14, 13-21). O gesto que faz progredir uma sociedade, uma família, um bairro, uma cidade, todos, é doar-se, dar, que não é dar esmola, mas uma dádiva que vem do coração. Um gesto que afasta o egoísmo e a ansiedade de possuir. Mas o modo cristão de o fazer não é um modo mecânico: é um modo humano. Nunca conseguiremos sair da crise que emergiu da pandemia, mecanicamente, com novos instrumentos - que são muito importantes, que nos fazem ir em frente e dos quais não devemos ter medo - mas sabendo que os meios mais sofisticados poderão fazer muitas coisas, mas uma coisa eles nunca poderão fazer: a ternura. E a ternura é o próprio sinal da

presença de Jesus. Aproximar-se do outro para caminhar, para curar, para ajudar, para se sacrificar pelo outro.

Assim, a normalidade do Reino de Deus é importante: que o pão chegue a todos, a organização social se baseie em contribuir, partilhar e distribuir, com ternura, e não em possuir, excluir e acumular. Pois no final da existência nada levaremos para a outra vida!

Um pequeno vírus continua a causar feridas profundas e a expor as nossas vulnerabilidades físicas, sociais e espirituais. Pôs a nu a grande desigualdade que reina no mundo: desigualdade de oportunidades, de bens, de acesso aos cuidados médicos, à tecnologia, à educação: milhões de crianças não podem ir à escola, e assim por diante. Estas injustiças não são naturais nem inevitáveis. São obra do homem, vêm de um modelo de crescimento separado dos valores mais profundos. O desperdício das sobras de refeições: com esse desperdício podemos dar de comer a toda a gente. E isto fez com que muitas pessoas perdessem a esperança e aumentou a incerteza e a angústia. É por isso que, para sair da pandemia, temos de encontrar a cura não só para o coronavírus - que é importante! - mas também para os grandes vírus humanos e socioeconómicos. Não devemos escondê-los, dando uma pincelada para que não possam ser vistos. E certamente não podemos esperar que o modelo económico subjacente ao desenvolvimento injusto e insustentável resolva os nossos problemas. Não o fez nem o fará, pois não o pode fazer, apesar de alguns falsos profetas continuarem a prometer «o efeito dominó» que nunca chega[2]. Ouvistes o teorema do copo: o importante é que o copo se encha e assim depois cai sobre os pobres e sobre os demais, e recebem riquezas. Mas há um fenómeno: o copo começa a encher-se e quando está quase cheio, cresce, cresce e cresce mas nunca acontece o efeito dominó. Deve-se ter cuidado.

Precisamos de trabalhar urgentemente para gerar boas políticas, para conceber sistemas de organização social que recompensem a participação, o cuidado e a generosidade, e não a indiferença, a exploração e os interesses particulares. Devemos ir em frente com ternura. Uma sociedade solidária e equitativa é uma sociedade mais saudável. Uma sociedade participativa - onde os «últimos» são considerados os «primeiros» - fortalece a comunhão. Uma sociedade onde a diversidade é respeitada é muito mais resistente a qualquer tipo de vírus.

Coloquemos este caminho de cura sob a proteção da Virgem Maria, Nossa Senhora da Saúde. Ela, que carregou Jesus no seu ventre, nos ajude a ter confiança. Animados pelo Espírito Santo, poderemos trabalhar juntos para o Reino de Deus que Cristo inaugurou, vindo até nós, neste mundo. É um Reino de luz no meio da escuridão, de justiça no meio de tantos ultrajes, de alegria no meio de tanta dor, de cura e salvação no meio da doença e da morte, de ternura no meio do ódio. Que Deus nos conceda «viralizar» o amor e globalizar a esperança à luz da fé.

Papa Francisco, Audiência Geral, Pápio S. Damásio, Roma, 30 de Outubro de 2020

## AGENDA E AVISOS PAROQUIAIS

• No próximo fim-de-semana, **10 e 11 de outubro**, realizar-se-á o **ofertório para as obras paroquiais**. Desde já agradecemos a Vossa generosidade.

**INSCRIÇÕES PARA A CATEQUESE 2020-2021:** Estão abertas as inscrições para a catequese. Poderão ser feitas junto da Coordenadora, aos sábados das 15h00 às 17h30, ou no Cartório Paroquial no final das Eucaristias.

• **PROJETO "AJUDE A SUA IGREJA":**

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES:** IBAN: PT50 0035 0584 0001 906 603 093

**COMUNIDADE DE SÃO JOSÉ DE CAPARIDE:** IBAN: PT50 0033 0000 2228 005 228 992

• **Dois famílias da nossa Paróquia procuram casa ou apartamento para arrendar** até ao valor de 350,00€ e 500,00€ mensais, respetivamente. Os interessados podem contactar diretamente as famílias através dos seguintes números: 96 733 88 79 e 96 416 66 83.